

O NÃO-IDÊNTICO SOB A COERÇÃO DO IDÊNTICO E A INCONGRUÊNCIA ENTRE O CONCEITO E A REALIDADE NA DIALÉTICA NEGATIVA DE THEODOR ADORNO

NON-IDENTICAL IN ENFORCEMENT OF SAME AND THE INCONSISTENCY BETWEEN THE CONCEPT AND REALITY IN NEGATIVE DIALECTICS OF THEODOR ADORNO

Hildemar Luiz Rech

Doutor em Ciências Sociais pelo IFCH da UNICAMP e pela Universidade de Manchester, Inglaterra; professor no Departamento de Fundamentos da Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, FAGED-UFC; integra a linha de pesquisa Filosofia e Sociologia da Educação; é colaborador no Programa PROCAD/CAPES do eixo Filosofia da Diferença; é colaborador no Laboratório de Trabalho e Qualificação Profissional do eixo Economia Política, Sociabilidade e Educação; e é integrante do eixo Filosofia Política, Memória e Cultura.

Resumo

Adorno desmascara o modelo auto-referente de identificação do cogito cartesiano e propõe uma correção dos registros de conceituação, sem, contudo, abrir mão da mediação do conceito. Contra a assimilação alienante aos padrões de identificação sistêmica, Adorno propõe uma subjetividade de vigilância sistemática. A sua "dialética negativa" apresenta um procedimento que se apóia sobre um paradoxo inerente. Para o autor existe um abismo insuperável entre sujeito e objeto, entre conceito e realidade, o qual a razão crítica, contudo, deve procurar transpor por sua conta e risco pela mediação crítica do conceito. O cerne da "dialética negativa" se constitui na base da auto-reflexão desse equívoco com seus diversos significados.

Palavras-chave: dialética negativa, constelação de conceitos, não-idêntico e consciência crítico-reflexiva.

Abstract

Adorno unmasks the "Cartesian cogito", which characterizes a self-concerning model of identification, and proposes a correction of the register of conceptualization, without to abandon the mediation of concept. The author conceives a systematic vigilant subjectivity against the alienated assimilation to the systemic identification patterns. His "negative dialectics" outlines a procedure based in one internal paradox. According the author, there is one insuperable abyss between subject and object, concept and reality, which the critical reason needs, however, search to cross, but not without risks, making use of a critical mediation of concept. The core of "negative dialectics" is the auto-reflection of this equivocal, with their diverse meanings.

Key-words: negative dialectics, concepts constellation, no-identity, and critical reflexive consciousness.

Da mesma forma como Adorno se posiciona criticamente em relação à consciência identificante – que subjuga e adapta pragmaticamente o sujeito ao objeto e restringe a atividade do pensamento e da razão à busca de identificação com o mundo das relações sociais reificadas – ele também se posiciona contra as idéias de negatividade absoluta e do não-idêntico substancializado, posições estas consideradas por ele anti-dialéticas. Desse modo, ele por vezes postula a própria identidade e a idéia de totalidade em oposição ao não-idêntico, como aquilo que efetivamente se impõe de modo sistemático no mundo real (TIBURI, 1995).

Adorno se empenha pela recuperação da dialética, como crítica à metafísica da identidade e como contraposição à razão instrumental – tecnicista e calculista – que está a serviço da lógica da dominação e da exploração, até os limites ou mesmo além dos limites, da natureza e dos homens.

Adorno e a via negativa da dialética

54

A via negativa da dialética é para Adorno o caminho mais adequado para a razão crítica abrir caminhos para a emancipação e a liberdade humanas. No cerne da lógica da razão iluminista e instrumental, o pensar se constitui na identificação via projeção do eu, sem o devido lugar para as mediações. Na contramão da subjetividade autoritária e "unidimensional" de matriz cartesiana, Adorno investe na dialética negativa, de modo que a sua idéia de conceito é direcionada ao não-idêntico e a sua idéia de subjetividade se constitui dialeticamente, envolvendo mobilidade, contradição interna e criticidade, tendo como referência indispensável o conceito de não-identidade.

Ao traçar os contornos da razão calcada na dominação via cálculo, ele desmascara o fetichismo e o novo tipo de animismo presentes no modelo auto-referente de identificação do cogito cartesiano e propõe uma correção dos registros de conceituação, sem contudo abrir mão da mediação do conceito. A filosofia para Adorno tem que assumir a auto-reflexão e, por meio deste procedimento, adquirir clareza sobre a sua própria má consciência e sobre os permanentes resquícios e re-emanções de barbárie no ambiente da sociedade moderna. Somente assim terá uma consciência adequada de si mesma e da realidade social em que está inserida.

Contra a assimilação alienante aos padrões de identificação do sistema, Adorno propõe uma subjetividade de vigilância sistemática. A "dialética negativa" de Adorno apresenta um procedimento sistemático que se apóia sobre um paradoxo inerente. A propósito, observa Christoph Türcke (2004:48):

O verdadeiro procedimento sistemático persegue a dinâmica da causa em questão. Por isso, ele não chega a um sistema encerrado em si mesmo, enquanto qualquer sistema é forçado, num certo ponto a desistir desta dedicação sistemática à causa para ter condições de aprisioná-la em suas gavetas conceituais. O sistema tem que interromper o curso sistemático para encaixar a causa, enquanto a causa, perseguida conforme suas próprias necessidades, nunca se encaixam no sistema. Tal paradoxo é que domina a *Dialética negativa* inteira".

A subjetividade e o intelecto humano não conseguem expressar as coisas do mundo real de modo inequívoco, a ponto de torná-las unívocas, fixas e identificadas de uma vez para sempre. As coisas – os objetos naturais e culturais – impõem perspectivas em movimento ao intelecto o que lhe permite somente expressar as coisas como elas lhe aparecem em determinado instante em suas circunstâncias contextuais. Desse modo, o intelecto, de certo modo, está sempre sujeito ao equívoco em seu movimento de conhecimento. Ao mudar a perspectiva das coisas a aparência muda também e os conceitos não conseguem jamais estabelecer uma congruência plena e integral com a realidade que pretendem explicar. Assim, o cerne da "dialética negativa" de Adorno se constitui na base da auto-reflexão do equívoco com seus diversos significados.

Segundo Türcke (2004:50-51):

"Há equívocos meramente subjetivos, que resultam da falta de precisão conceitual, os quais são passíveis de correção. Há, no entanto, também equívocos que não se eliminam nem com o máximo de argúcia: equívocos objetivos, que se devem à incongruência principal entre intelecto e causas. A dialética consiste em desdobrá-los de modo racional, evitando cair em suas armadilhas (...). Dialética negativa não é senão lembrar e enfrentar a insuficiência do conceito".

A negatividade dialética de Adorno se exprime ao modo de um tema com múltiplas variações, sendo que o próprio tema, segundo Türcke (2004), não existe sem as variações, só podendo manifestar-se mediante elas. Porém, a seqüência ou o entrelaçamento das variações não obedece a uma lógica estrita ou pré-concebida, ou seja, as variações não resultam umas das outras de modo logicamente necessário, não formam elos de uma cadeia lógica, que ou chega a um fim ou volta ao início. Formam antes o que Adorno, em outro contexto, chamou de "constelação". Desse modo, é inadequado conduzir esta dinâmica pelos conceitos de fundamento e de conseqüência, visto que o próprio tema questiona a validade incondicional dos termos.

A identidade do tema não é o fundamento porque a identidade não pode constituir um todo genérico e abstrato que exclua ou que absorva de uma vez por todas as aquisições contingentes. Ou seja, o progresso imanente ao todo e as conexões que compõem a totalidade ficam sempre confrontadas com o contingente, o não-idêntico, a antítese e a diferença, que não são assimiláveis de modo integral e definitivo em uma síntese do todo.

A propósito, como destaca Türcke (2004:51):

56

A passagem de uma 'variação' a outra nunca é coercitiva, 'nem inexorável' e não carece de momentos saltitantes, tampouco é meramente arbitrária (...). Contudo, as variações apontam uma para as outras, fazendo com que o conjunto delas forma uma estrutura de explicação recíproca. Assim, a explicação 'relacional' das variações e a do tema é a mesma coisa (...). Só que o centro, ou seja, o tema, não se abre senão mediante as variações que apontam para ele, ou seja, não há acesso imediato.

Ao aplicar a "dialética negativa", em sua obra a "Dialética do Esclarecimento", Adorno e Horkheimer observam que somente um pensar, que capta sua própria insuficiência e relativa inadequação em relação ao real, é capaz de enfrentar processualmente e de modo insistente e permanente o pensamento mítico. O iluminismo apresentou-se totalitário ao ser aprisionado pela razão instrumental. O núcleo duro do pensar iluminista abraçou a violência contra a natureza interna e externa. O que os homens querem aprender da natureza, no espectro do pensamento cientificista e tecnicista moderno, é como manipulá-la para dominar completamente sobre ela e sobre os homens, mas o que resulta na perda de sentido para os homens. Neste contexto eles substituem o próprio conceito pela fór-

mula e a busca da causa pela regra e pela probabilidade. A "dialética negativa" representa uma crítica a este tipo de pensamento sistêmico fechado e movido pela razão instrumental.

A "dialética negativa", mais do que isto, pretende ir além do conceito, através do próprio conceito. Intenta colocar em evidência o paradoxal, o descontínuo, o não-idêntico, o descompasso e a inadequação entre o conceito e o real. Destaca a descontinuidade entre a metodologia do pensar e a realidade concreta. A sua orientação é anti-sistêmica e implica uma crítica à idéia de fundamentação. Com os meios de uma lógica de uma lógica dedutiva, a "dialética negativa" se propõe a rechaçar a absolutização do princípio de unidade e a onipotência suprema do conceito. Sua intenção é, ao contrário, colocar em foco o que existe fora do embuste de tal unidade arrogante. Em outras palavras, a tarefa da "dialética negativa" é a de quebrar a força prepotente do sujeito e de desmascarar o engano de uma subjetividade constitutiva.

De acordo com Adorno (apud, Olgária de Matos, 2005:p.82-83):

"O próprio nome dialética de início significa, simplesmente, que os objetos são mais que seu conceito, que contradizem a norma tradicional da 'adequatio'(...). É índice do que há de falso na identidade, na adequação do concebido com o conceito (...). Pensar quer dizer identificar (...).A contradição é o não-idêntico sob o aspecto da identidade;o primado do princípio de contradição no interior da dialética mede o heterogêneo pela idéia de identidade (...). Contradição é não-identidade sob o conjuro da lei que afeta também o não-idêntico (...).

O que há de doloroso é a dor elevada a conceito, pela pobreza deste mundo (...). A dialética está a serviço da reconciliação (...). A utopia do conhecimento seria penetrar com conceitos o que não é conceitual sem acomodar este àqueles. Dialética é a ontologia da situação falsa; uma situação justa não necessitaria dela e teria tão pouco de sistema quanto de contradição (...). A desmitologização do conceito é o antídoto da filosofia(...)".

Por outro lado, para Adorno parece que haverá que se começar pelo conceito e não pelo simples dado, visto que o ente não existe imediatamente, senão apenas mediante o conceito. Porém, os traços racionais do conceito entrecruzam-se com seus traços arcaicos e irracionaisistas. Assim, a intuição nos diz que restos do pensamento e o ideal cognitivo estático se atravessam em meio a uma consciência dinamizada.

O conceito, segundo Adorno, tem uma exigência imanente de invariabilidade, que é a que cria a ordem frente à mobilidade e a fluidez de seu conteúdo. Esta mobilidade e fluidez são negadas pela forma do conceito, que neste sentido é marcado pela falsidade. Antes de todo conteúdo, o conceito em si torna-se independente de sua própria forma frente aos conteúdos, ou seja, de imediato, afirma o princípio de identidade. Algo que é postulado simplesmente por sua utilidade para pensar é tomado por uma realidade em si, firme e constante. O pensamento identificante objetiva por meio da identidade lógica do conceito. A dialética, enquanto subjetiva, tende a pensar que a forma do pensamento já não converte seus objetos vistos como imutáveis e sempre iguais a si mesmos; a experiência contradiz tal imobilismo. A consciência individual como antecipação abstrata da unidade tem que fundamentar, como já argumentava Kant, toda a classe de identidade. A consciência cria unidade, por mais irreal e inapreensível que lhe resulte sua própria origem e seu passado. Nessa irrealidade o eu recordado, que antes fomos e que potencialmente volta a identificar-se conosco, se constitui de uma só vez um outro, um estranho, e deve ser pensado como distância. Tal ambivalência e incongruência e ao mesmo tempo entrelaçamento entre identidade e diferença é, portanto, imanente à própria problemática lógica da identidade (A este respeito ver: Adorno, 1975, pp.156-57).

Tentando escapar da submissão da linguagem a um modelo prévio de pensamento, o estilo de Adorno aferra-se à presença concreta da constelação das palavras, a qual todavia não se satisfaz com a forma da sentença. "Esta, como unidade, nivela a multiplicidade que se encontra nas palavras" (Adorno, 1973, p.102).

Não há, porém, nenhum poder mágico ou autônomo da palavra ou da escrita, pois para o autor uma constelação de conceitos só possibilita o conhecimento do objeto enquanto instala uma via de aporte ao processo sócio-econômico, cultural e histórico nele acumulado:

"O objeto abre-se a uma insistência monadalógica que é a consciência da constelação, na qual ele se encontra: a possibilidade de um mergulho no interno necessita daquilo que é externo. Mas, tal universalidade, imanente do singular, é objetiva apenas como história sedimentada" (Adorno, apud Musse, sd.).

O pensamento somente está municiado daquilo que é não particular, ou seja, da universalidade dos conceitos - por conseguinte, de meios

que são por definição macrológicos – para efetivar-se como micrologia, em outras palavras, para conhecer o singular e o individual. Além disso, "(...) a imersão no singular tem como momento imprescindível a necessidade de 'ir além do objeto', condição de possibilidade da exigência de superar o pensamento identificante" (Musse, s.d.).

Portanto, Adorno procura remover a ilusão de uma subjetividade auto-suficiente e constitutiva da realidade e do conhecimento e mostrar o equívoco e o embuste presentes em seu correlato decorrente que é a idéia de uma filosofia da identidade. Depois de liberta desta ilusão, a dinâmica conceitual não se projeta mais a partir de um princípio fundador e não apresenta mais a pretensão arrogante de abarcar a totalidade do finito e inteireza da experiência.

O filósofo recusa-se a instaurar um novo sistema paradigmático de conhecimento e opta por um método e um modo de pensamento que tem como referência não sedimentar o paradoxo, o não idêntico e a negatividade e que se desenvolve por meio de uma tessitura de conexões sistematicamente articuladas, porém avessas a uma sedimentação e a um engavetamento sistêmico.

A propósito, o próprio conceito adorniano de 'especulativo' denota resistência e negatividade crítica ao estabelecido:

Em tal resistência sobrevive o momento especulativo: como aquilo que não deixa que sua lei seja prescrita pelos fatos dados, transcendendo-os mesmo em contato mais estreito com os objetos e na recusa de uma transcendência sacrossanta. É onde o pensamento está para além daquilo ao qual, resistindo, ele se prende, que se encontra a sua liberdade (Adorno, apud Musse, s.d.).

O entendimento de que o imediato é marcado pelo equívoco e de que o factual é fonte de erros, nutre a crítica de Adorno ao positivismo. Por outro lado, a sua crítica também se orienta contra os esquemas idealistas que se apóiam em princípios apriorísticos e estáticos, concebendo de forma harmoniosa e unitária a relação entre o lógico (e o conceitual) e o histórico, o teórico e o empírico. Desse modo, Adorno também recusa a filosofia idealista visto que "(...) esta se atém exclusivamente à imanência de construções lógicas, identificando, em chave falsa, teoria e unidade formal, universal e particular" (Musse, s.d.).

Porém, mesmo depois de refutar o idealismo, a teoria não pode prescindir da especulação. Por isso, para melhor desenvolvê-la con-

vém concebê-la em um sentido mais amplo que aquele que possuía em Hegel:

Este teria, segundo Adorno, positivado o especulativo ao vinculá-lo com o terceiro momento da dialética, o racional positivado, privando-o daquilo que mais interessa, a negatividade, o potencial crítico. Avessos a uma possível unificação sistemática, tensos, retessados em uma relação de descontinuidade mediada pela conexão entre o universal e o particular em sua concreção histórica, os momentos especulativo e concreto não se inscrevem num mesmo continuum. Tampouco são momentos estanques, já que estão inter-relacionados: o pensamento especulativo necessita, em sua imanência, do corretivo do objeto, do confronto com o teor coisal; a filosofia concreta, por sua vez, não pode prescindir da negatividade do pensamento e mesmo do desdobramento do especulativo (Musse, s.d.).

60 A preocupação de Adorno com o processo social, cultural e histórico acumulado no tempo e no espaço e, por outro lado, com a rejeição do apriorismo lógico, ontológico e conceitual, não acarreta o abandono ou a desapareição do sistemático. Ao contrário:

As intersecções e incongruências históricas que se dão entre os conceitos não podem ser atribuídas simplesmente à história e ao processo social, como se fossem algo não conceitual que nada tivesse que ver, como se sói dizer, com o sistemático, portanto, com as questões em torno da verdade. As mudanças históricas da filosofia, e esta é pelo menos uma mediação essencial entre o aspecto por assim dizer histórico e o aspecto por assim dizer objetivo, procedem antes em larga medida de questões objetivas ou sistemáticas (Adorno, apud Musse, s.d.).

A síntese na "dialética negativa" de ADORNO

De acordo com Christoph Türcke, as acusações estereotipadas mais usuais em relação à "Dialética Negativa" de Adorno é a suposição de que ela não apresenta nenhuma ancoragem sintetizante.

Entretanto, Adorno apresenta o entendimento de que a síntese deve ser questionada, apenas enquanto idéia fundamentalista, de promessa

apoteoticamente paradisíaca e como um vetor condensador de suprema cristalização e de aprisionamento da realidade a concepções e projetos paralisantes de dominação e de poder, e não enquanto ato mental e atitude singular. Ou seja, para Adorno, a síntese é inevitável e necessária. Para ele, abster-se da síntese funciona tão pouco quanto abster-se da alimentação.

Como destaca Türccke (2004:57-58):

"Não há identificação conceitual senão por síntese de inúmeras miudezas sensoriais a um só conceito, e não há sociedade senão por síntese de seres humanos e seus trabalhos, funções, poderes, instituições, etc. A síntese é condição de possibilidade, tanto de qualquer conhecimento, quanto de qualquer estrutura social".

No entanto, dentro do prisma da "Dialética Negativa", por intermédio dos conceitos identificadores e juízos sintetizadores devem também ser detectados os defeitos da identificação e da síntese. Ou seja, a síntese deve ser vista com vigilante atitude crítica, já que ela sempre, de forma inexorável, traz embutida tanto atos de violência, constrangimento, subsunção e dominação, como práticas de desfiguração mutiladora. A um só tempo a síntese é indispensável e promissora, e também inadequada e reducionista e, por isso, contraditória e paradoxal.

A consciência crítica, embora desproporcional e quase impotente em relação à síntese, representa um ato iluminador, visto que consegue se contrapor à síntese com os próprios meios dela. Os defeitos e os equívocos da identificação e da síntese são captados por intermédio dos próprios conceitos identificadores e dos juízos sintetizadores, submetidos a uma crítica interna reveladora do paradoxo e das carências a eles inerentes.

Como escreve Türccke (2004:58), a respeito da visão do conceito de síntese de Adorno, em sua obra "dialética Negativa":

"A síntese' capta as coisas, mas não lhe faz justiça, encaixando-as em vez de pronunciar sua índole, detendo-as em vez de abrir-lhes sua índole, detendo-as em vez de abrir-lhes o sentido. O espantilho da síntese não é a voz da coisa espartilhada nem seu porta-voz. É seu sucedâneo. O mais espantoso, porém, é o fato de a consciência humana ter condições de perceber isso. A insuficiência da síntese não fica impermeável a uma virada mental, que pode ser chamada de o milagre da reflexão.(...).

Identificação e síntese formam a condição de possibilidade de tal virada e, ao mesmo tempo, seu objeto. Claro que a própria transformação não escapa do equívoco, mas lhe dá a luz da autoconsciência: a única possibilidade de movimentar-se nele de modo racional".

Enquanto que na dialética hegeliana, por sua virtuosidade, a síntese é sacralizada, justificada e legitimada a qualquer custo, como motor divinizado da dialética, Adorno se ocupa em desmistificá-la, apontando as suas insuperáveis contradições e a sua configuração inelutavelmente tendente ao reducionismo e a formas de cristalização paralisante e de violência mutiladora em relação ao real. Enfim, Adorno se ocupa com a superação dialética da síntese, "(...), desvelando-a enquanto fato humano demasiado humano, que pode e deve ser excedido pela virada crítica da consciência humana contra si mesma" (Türcke, 2004, p.59).

Os conceitos de síntese, de totalidade, de sociedade, de progresso e de história apresentam, segundo Adorno, uma afinidade reciprocamente reveladora dentro de uma determinada constelação conceitual.

62

A ontologização ou a substancialização dos conceitos de totalidade e de síntese prefiguram e expressam uma forma de má consciência e representam um modo de alienação expressiva do intelecto. A idéia da existência de leis teleológicas imanentes à história, envolvendo uma sucessão depurativa de sínteses evolutivas direcionadas a uma reconciliação apoteótica e absoluta entre o real e o racional para o fim da história, não passa para Adorno de pura e doce ilusão. Para Adorno, da mesma forma como para Walter Benjamin, a história se desenvolve em fragmentos, sendo que este processo de decomposição não oferece nenhuma garantia para uma identidade entre razão e realidade.

A história se desenvolve, de modo saltitante, sinuoso, imprevisível e às vezes surpreendente, nos próprios interstícios entre sujeito e objeto – homem e natureza –, sendo que entre os conceitos e as coisas existem descontinuidades, fissuras, inadequações, descompassos e incongruências insuperáveis. Desse modo, a história se desenvolve onde não pode haver saber definitivo e onde a consciência é órfã da garantia teleológica de um desenlace histórico previsível.

A idéia de um processo histórico, lógica e ontologicamente pré-concebido, tem por base a mesma razão instrumental que orienta e se traduz na política, no mercado, na ciência e na técnica no mundo moderno. A sua matriz é o princípio de identidade.

Para Adorno, o movimento da história é apenas o espetáculo negativo de uma mudança, em que não existe a certeza para um caminho ascendente, mas em que o espírito da crítica pode fazer valer seu impulso de superação e reconciliação, mesmo que não de forma definitiva, no desmascaramento de todos os estados falsos e de má consciência e no desvelamento dos resíduos de barbárie instalados na ambiência social e material objetiva.

De acordo com este prisma, é necessário romper com a noção de história como um "continuum", onde o bom termo é uma garantia imanente. Não existe nenhuma reta horizontal ou vertical que conduza a humanidade da barbárie à civilização.

Dentro desta mesma perspectiva crítica, as idéias da linearidade do progresso técnico-científico e de uma racionalidade calculista e positivista, voltadas para a dominação e a manipulação exaustiva da natureza e dos homens, devem ser criticadas com os próprios meios da razão, de modo que este procedimento ilumine a razão para uma abertura em direção de processos de interação reconciliadora com a natureza e entre os homens - embora isto não possa ser instaurado de modo definitivo - e também reconstitua importantes facetas recalcadas da razão, tais como a sensibilidade e a criatividade artística.

Considerações finais e complementares sobre as noções de conceito, linguagem e realidade objetiva em Adorno

Na continuidade do presente texto são em seguida arroladas mais reflexões sobre o conceito, a linguagem e a realidade objetiva em Adorno.

A propósito, cabe observar que o fluxo da linguagem envolve uma constelação de conceitos que se revelam por um processo de explicação recíproca. Somente desse modo "a coisa", o algo objetivo em questão - mediante tal dinâmica conceitual concatenada e entrelaçada - é cercado e, desse modo, é explicado. De modo que, para Adorno, a explicação excede o ato da identificação, não podendo ser encaixada de forma definitiva numa gaveta conceitual.

Além disso, o processo de explicação não constrói uma relação hierárquica entre sujeito, predicado e objeto, mas cria reciprocidade entre o conjunto dos componentes lingüísticos, que se inserem e se movi-

mentam dentro de constelações de conceitos, sentenças, juízos, raciocínios e conclusões, tratados de modo narrativo ou argumentativo. Ou seja, somente quando as variações conceituais conseguem se remeter umas às outras e explicar-se reciprocamente, 'o algo' ou 'a coisa' em foco, pode ser cercada e explicada, embora não de modo definitivo, de modo que o processo de explicação ultrapassa o ato identificante.

Christoph Türcke (2004:52-53) faz a seguinte ponderação a este respeito:

"O processo de explicação assume, destarte, a conotação de abertura, ou até de revelação da coisa em questão, só que tal revelação não acontece imediatamente, mas somente mediante conceitos, em que cada um se apóia no outro e todos apontam para a coisa cercada. Assim, em vez de encaixá-la, o objetivo é fazê-la sair da caixa de identidade, retirá-la do processo usual de identificação. Este processo de abertura recíproca, entre o conceito, a constelação e 'a coisa' cercada, é visado pelo termo adorniano de 'afinidade'. Nunca a afinidade chega à identidade; consiste antes, em elementos diferentes (irredutíveis), em que um carece do outro e se deve ao outro. A explicação que eles se prestam é comunicação mútua de socorro e carência, e a constelação conceitual, que é comunicativa neste sentido, incita, por assim dizer, o objeto cercado para ele se manifestar em sua carência".

Os conceitos finais, toda vez que são substancializados ou ontologizados, ou seja, toda vez que pretendem absorver a plenitude do ente, sofrem o açoitamento da abstração e do esvaziamento. Da mesma forma também é equivocada a idéia de que tudo que os homens exprimem já se encontra nas formas lógicas da linguagem. "Tal 'falsa' modéstia 'de determinadas filosofias da linguagem' não desiste de tomar a lógica ou a linguagem pelo primeiro e último - não do mundo, é verdade, mas, sim, da própria ocupação, ignorando o 'inevitável' e incurável envolvimento metalógico da lógica, metalingüístico da linguagem, que impede, de saída, a substância da lógica e da linguagem em si mesmas"(Türcke, 2004, p.53).

Para Adorno, a contradição entre mundo e pensamento é abismal do ponto de vista social, lógico e ontológico. De acordo com ele, o todo teoricamente concebido apresenta um lastro de falsidade porque não consegue absorver todas as facetas do real.

O pensamento e o procedimento teórico-conceitual e filosófico devem se exprimir de modo prudente, humilde e cauteloso, pois somente assim conseguem reunir as possibilidades de pacientemente perscrutar e aguardar "(...) que, um dia, a lembrança do que foi perdido venha a despertá-los e os transforme em ensinamento". (Adorno, 1992, p.70).

Por outro lado, para Adorno, o processo de redimensionamento da consciência crítica e de alargamento da tessitura de emancipação e de autonomia individual e social, só podem ser projetadas e encaminhadas pela mediação da atividade conceitual. A propósito, para o autor, o próprio pensar já é em si, antes de qualquer conteúdo particular, negação e resistência contra aquilo que lhe é impingido.

Contudo, a realidade inteira e todas as formas de conceituação permanecem em um estado contraditório porque carentes de um estado pleno de reconciliação. Todas as formas de carência, dor e incompletude representam formas elementares de contradição, insuperáveis no sentido absoluto. Nesta mesma direção, as pulsões com seus conflitos, o sofrimento, as ações de resistência e de luta representam contradições básicas bem antes de penetrar a contradição conceitual.

O pensamento humano vive sob uma ambivalência e um equívoco insuperáveis, pois ao explicar a realidade material mediante conceitos, exprime também a ruptura intransponível entre matéria e pensamento, o que impede a sua congruência. Em todos os atos pensantes se revela uma contradição intrínseca, ou seja, se manifesta e reproduz uma ruptura e uma fissura que interminavelmente faz parte da natureza do intelecto.

A própria auto-reflexão crítica do intelecto contém um impulso contraditório, que coincide, no entanto, com seu impulso reconciliador, o que, por sua vez, contradiz a contradição do "estado falso", enquanto movimento de busca processual de um alargamento da consciência crítica e de ampliação da ambiência de emancipação e de liberdade humanas.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T.W. *Dialética Negativa*, Madrid, Taurus Ediciones, 1975.
- ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, T.W. Teoria da semicultura. *Educação e Sociedade*, XVII (56). Campinas: Papirus & Cedes, (388-411), 1996.

ADORNO, W.T. Parataxis. In: ADORNO, W.Theodor. Notas de Literatura, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

MATOS, Olgária C.F. *A Escola de Frankfurt: Luzes e sombras do Iluminismo*. 2ª edição, São Paulo, Moderna, 2005.

MUSSE, Ricardo. *Verdade e História, segundo Adorno*. Revista eletrônica Trópico, São Paulo, s.d.

TIBURI, Márcia. Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor W. Adorno. Porto Alegre, RS, Coleção FILOSOFIA nº26, EDIPUCRS, 1995, 159 p.

TÜRCKE, Cristoph. Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à dialética negativa. In: ZUIN, A.; PUCCI, B. & RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.(orgs.). *Ensaio Frankfúrtianos*, São Paulo, Cortez, 2004, pp.41-59.

Enviado para publicação: 03.10.2010
Aceito para publicação: 25.01.2011